

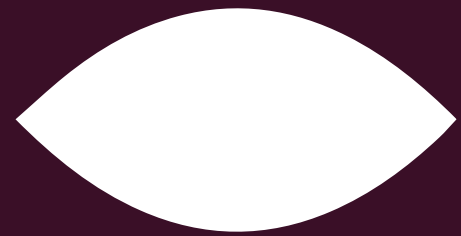


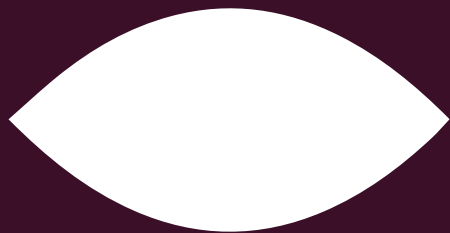
MHOA

MUSEU HISTÓRICO OJÚ AIYÉ



MUSEU HISTÓRICO OJÚ AIYÊ





Museu Histórico Ojú Aiyê

Um encontro com as ancestralidades

Mestre Evandro Passos

Ao entrar no Museu Histórico Ojú Aiyê, imediatamente comecei a rememorar os cheiros de África. Uma África viva, potente, para além de correntes e outras amarras. Aquele local me trouxe lembranças de uma longa e bela jornada. Falo de um sentimento que emana da poética viva do povo negro, muitas vezes esquecido em meio ao sofrimento e ao descaso; em outras, no entanto, reverenciado por carregar na alma alegria, cor e mistério, que, aos nossos olhos e em nossos corpos presentes naquele pequeno e grande espaço, saúdam os deuses, a natureza e os nossos ancestrais negros que para as Américas vieram.

O espaço nos abre as portas da imaginação para ativar uma linha que tece um conto enriquecido entre Brasil, África e Minas Gerais. Inspirados por aqueles objetos e cantos suaves ao fundo, podemos sentir as cores e a magia da “Mãe África”. Um lugar onde temos a certeza de que em diáspora os frutos estão maduros; em suas distintas fases se proliferaram pelo mundo. Os objetos ali presentes reforçam tal amadurecimento e, com a energia e a magia que carregam, nos emocionam.

Os sagrados aparecem lado a lado dos instrumentos de tortura que tanto macularam nossos ancestrais negros, porém, o contraponto entre eles nos enaltece, uma vez que os sagrados nos remetem imediatamente à resistência e à resiliência do povo que foi espoliado e, assim, ganham relevância e beleza. Se pessoas acharam que os negros africanizados seriam anulados e apagados, enganaram-se, e o MHOA consegue perfeitamente nos reforçar isso.

Ao adentrar aquele espaço, descobrimos, cheios de curiosidade e fascinação, a riqueza do povo negro no Brasil e em África. Sentimo-nos encantados com a possibilidade de aprender mais e mais, na afirmação de sujeitos negros e brancos. Percebo que as fronteiras entre a África e o Brasil continuam tênues e que não estão muito além do que as fronteiras podem alcançar.

Foi ali, no Museu Histórico Ojú Aiyê, ao rever objetos e fotografias com aquelas gentes preta e mestiça, que revivi a festa da vida. Pois me dei conta de que foi um modo pelo qual nossos ancestrais negros não se deixaram dominar pela dor ou pelo rancor, contra aqueles e aquelas que para cá os trouxeram à força. Despertamos ainda mais, ali no Museu, a possibilidade do prazer ao expormos as memórias a que aqueles objetos, fotografias, sons e cheiros nos remetem.

Percebo o quanto o MHOA é uma escola, uma aula, uma biblioteca potente e viva que pode multiplicar conhecimentos e reviver memórias, por meio de cada detalhe existente, e chamar aqueles e aquelas que desconhecem a riqueza vinda junto aos corpos negros. Walice Carvalho, idealizador, um homem preto, sonhador, professor, guardião de nossas memórias ancestrais,

cobre o passado triste dos nossos predecessores negros com leveza e maestria. Através do Museu, ele nos trouxe, com sabedoria, a magia da África e a saudade dos antepassados, que estão, no entanto, presentes em nosso dia a dia e em nossos corpos negros.

Os itens ali, assim como a África e as manifestações de matrizes africanas, dançam e cantam para reverenciar nossos entes queridos do outro lado do Atlântico. Agora, são os objetos do MHOA que saúdam os objetos de lá. E, com sutileza, eles chamam o sentimento afro para expressar uma possibilidade de comunicação profunda, por meio de sua riqueza. Conseguem nos remeter às heranças africanas ao abordar questões de educação afro-brasileira e étnico-racial desconhecidas no Brasil até então. Descobertas que os livros didáticos negligenciam ou distorcem. As heranças negras expostas no Museu nos aliviam, pois nos fazem saber que, para além dos açoites, nossos ancestrais trouxeram riquezas em seus corpos e em suas mentes, que certamente fizeram amenizar as mazelas do cativo e as saudades da Mãe África.

Afora o sentido religioso, ao visitar o Museu Histórico Ojú Aiyê, eu, particularmente, homem negro, artista, professor e pesquisador, reverenciei a sua magnitude e a forma como ele conseguiu trazer a força africana, ao reconhecer a arte e a cultura negras e, assim, valorizar a ritualidade afrodescendente, com suas heranças e memórias. Axé ao Walice Carvalho, a todos os colaboradores e a todas as colaboradoras do Museu Histórico Ojú Aiyê. Tenham certeza de que as forças negras olham por vocês.

Sobre o MHOA

O surgimento do Museu Histórico Ojú Aiyê (MHOA) remonta aos anos 2015 e 2016, quando seu idealizador, Walice Carvalho, ao perceber o constante embranquecimento e apagamento histórico das origens de Matozinhos, decide colocar peças do seu acervo pessoal em exposição.

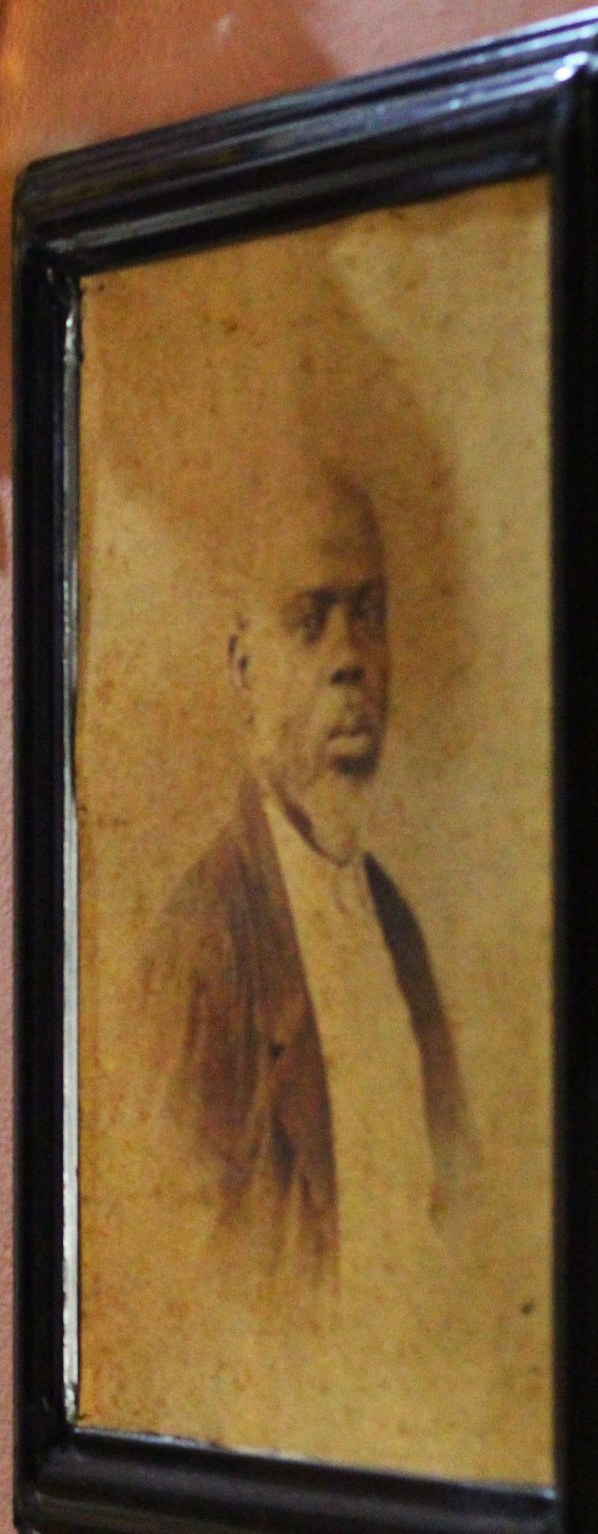
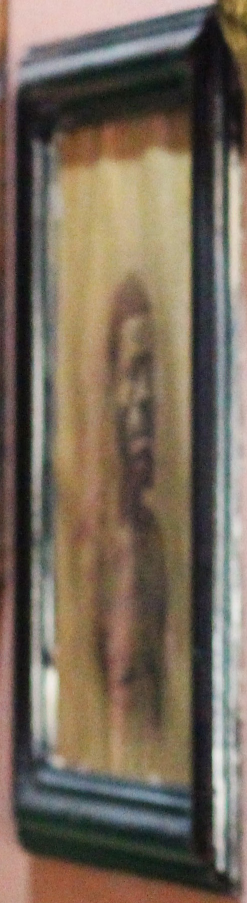
Desde então, o Museu se debruça sobre pesquisas para entender e contar as origens do município, considerando, com máxima relevância, a presença da população africana para a formação e estruturação dos cenários comercial e industrial em solo matozinhense – diretamente ligados ao Vínculo da Jaguará, nas terras de Mocambeiro.

Em março de 2021, o MHOA (o primeiro museu criado na cidade) abre suas portas oficialmente, com o propósito de valorizar e preservar a história de Matozinhos e da população brasileira, sobretudo pelo viés afrocentrado. Por meio da pesquisa, difusão e salvaguarda de seus patrimônios materiais e imateriais, a entidade visa a promover reflexões sobre outras formas do fazer cultural, assim como garantir a diversidade e a cidadania.

A partir dessa perspectiva, o Museu procura fomentar o debate público sobre a negritude, fazendo uso de formações, produção de conteúdo e rodas de conversa, bem como garantir espaços de pesquisa, registro e difusão da história sob a ótica afrocentrada. Para além da preservação do patrimônio, a instituição trabalha em prol do fortalecimento e da propagação da cultura local, sobretudo pela articulação com o poder público e outros grupos artístico-culturais.

Em sua atuação e em seus modos de existência, o MHOA se sustenta nos seguintes valores:

- diversidade;
- respeito;
- equidade;
- ancestralidade;
- conhecimento.



○ Acervo

O acervo do MHOA conta com mais de 350 peças, sendo 70% delas referentes à cultura e à história africanas. Esse acervo preserva as memórias materiais e imateriais do povo negro africano escravizado e liberto em terras brasileiras e compreende aspectos da escravidão, por meio de peças como gargalheiras, algemas, correntes, marcadores, máscara de flandres, tronco, entre outros tipos. A coleção do museu contempla outros aspectos, como: cotidiano dos negros escravos e alforriados; seus legados culinários e artísticos; formas de obtenção de lucros próprios ou divididos com seus senhores; fotos e documentos históricos; mobiliário; e vestimentas de identidade, destacando-se saias, panos da costa, turbantes, joias de crioulas, colares, balangandãs e patuás.

Além disso, o acervo permite a visão da religiosidade primária dos negros de África através de esculturas, máscaras, adereços de culto e objetos litúrgicos pertinentes às divindades do panteão africano. Em paralelo, verte-se também a fé imposta nos dogmas católicos – por meio de peças como imagens católicas de época, turíbulos, bandeiras, estandartes etc. – e seus impactos na formação de um novo exponencial religioso, sincrético, que orientou para a morfologia étnica-cultural de práticas

que serviram como base para ritmos musicais e manifestações culturais festejadas ainda em dias atuais, com forte identidade dessa miscigenação de costumes.

O acervo projeta-se ainda com o intuito de bilocar o espectador ao período inicial da construção do Brasil Império, tendo como ponto de partida a influência do Vínculo da Jaguara e de suas centenas de escravos e forros no século XVIII, a partir de aspectos sensoriais, visuais e emocionais. O objetivo da coleção é provocar uma reconexão do indivíduo enquanto espectador, em que cada peça exposta se transmuta em espelhos e reflete a própria história de quem observa.

O Museu está disponível para visitação a partir de agendamento, que deve ser feito pelos contatos institucionais.



EPÉN - ESSE PATRIMONIO É NOSSO

Iniciativa do Museu Histórico Ojú Aiyê, em parceria com Ibram, Iphan e Prefeitura Municipal de Matozinhos, que busca trazer luz à necessidade de restituição e salvaguarda do patrimônio local. Pessoas interessadas podem entrar em contato com o Museu para informar sobre a existência de um objeto histórico e com carga patrimonial, muitas vezes advindo de acervos familiares. Ao receber um item, a equipe do MHOA faz uma triagem, analisando aspectos como modelo e material, entre outras características. Essa triagem é feita em paralelo à catalogação de itens da rede do Iphan. As peças então ficam sob a salvaguarda do Museu, podendo retornar à comunidade como elemento da sua história.





A sala de joias é um ambiente compartilhado entre cinco cenários surpreendentes. Seguindo a cronologia histórica das peças, as instalações exibem o contraste histórico entre ouro, império, arte e o desenvolvimento econômico do Brasil. Os fatos são recontados e o visitante se depara com adornos em ouro, prata, bronze, pedrarias e diversos outros materiais, usados, em sua maioria, por mulheres pretas alforriadas, as chamadas “joias de crioula”. Na instalação intitulada “Escravos de Ganho”, por sua vez, são expostos objetos e fotos reais usados pelos chamados “escravos ganhadeiros”, pessoas escravizadas que comercializavam diferentes produtos para comprar a própria liberdade. Já na instalação “Brasil Império”, objetos e reproduções de pinturas do renomado pintor francês Jean-Baptiste Debret estão expostas. Debret retratou a realidade escravocrata no Brasil ainda no século XIX, com obras que ficaram conhecidas como “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”.

Esse cenário busca provocar a reflexão sobre os meios pelos quais o Brasil se desenvolveu e quem foram os verdadeiros responsáveis pelo desenvolvimento da economia do país. Além disso, a instalação visa a explicitar a diversidade de impérios e nobrezas que existiam no mundo em um mesmo período, já que muitos reis, rainhas, príncipes e princesas foram capturados em África e vendidos para serem escravizados no Brasil.



Por fim, na instalação “Arte, fé e cultura”, estão expostos diversos objetos artísticos produzidos manualmente em entalhes de madeira que retratam a pluralidade dos povos africanos, sua habilidade manual e sensibilidade de se comunicarem a partir de símbolos.



Jóias de crioula é um termo que tem origem na cultura afro-brasileira e se refere aos adornos (em geral, argolas e/ou brincos de grandes dimensões, feitos de ouro, prata ou outro metal) utilizados pelas mulheres negras alforriadas e também escravizadas. As jóias de crioula eram uma forma de expressão com significados culturais e simbólicos e um meio pelo qual essas mulheres afirmavam sua individualidade e mantinham suas tradições no contexto de escravidão e diáspora, sendo, muitas vezes, utilizadas como elementos de conexão com suas raízes africanas.

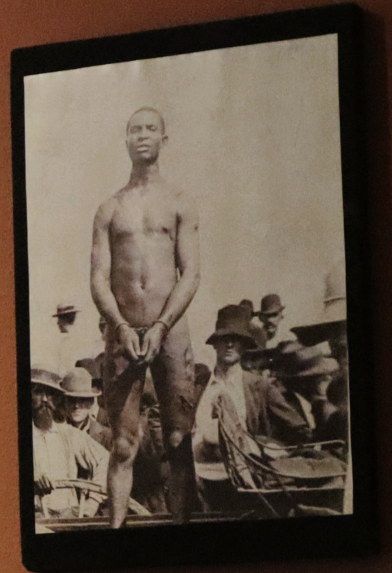






O MHOA é responsável pela salvaguarda do conjunto de tambores tombados pelo patrimônio histórico e que compõem o acervo de Bens Móveis da tradicional Guarda de Nossa Senhora do Rosário de Matozinhos.

Essa salvaguarda compreende um conjunto de medidas que o museu executa com o objetivo de garantir a viabilidade da integridade física do patrimônio cultural material, resultando na identificação, documentação, investigação, proteção, valorização, promoção, transmissão e revitalização desse patrimônio.





1535: ano que marca a chegada do primeiro navio negreiro no Brasil e, conseqüentemente, o início da escravidão no país. A tentativa frustrada de escravizar os povos indígenas que aqui viviam, juntamente à expansão da produção agrícola – sobretudo de açúcar – levou os colonizadores portugueses a utilizar a mão de obra africana para suprir a crescente demanda por trabalho nas plantações. O tráfico transatlântico de escravos africanos foi estabelecido como uma prática brutal, na qual milhões de pessoas foram capturadas na África, transportadas em condições desumanas nos navios negreiros e vendidas como escravas no Brasil.



Considerada um crime contra a humanidade e um dos capítulos mais sombrios da história do país, a escravidão no Brasil durou mais de três séculos e recebeu cerca de 40% dos 12,5 milhões de africanos roubados de suas terras para serem escravizados mundo afora. Em 1888, com a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, a escravidão foi oficialmente abolida no país. Os descendentes dos africanos escravizados, porém, enfrentaram e ainda enfrentam legados profundos desse período, com desigualdades estruturais, discriminação, pobreza e exclusão social.

○ Atividades



Pesquisa, registro e memória

Como ferramenta para a promoção da valorização e a preservação da história de Matozinhos e da população negra brasileira, o MHOA investe em pesquisa, registro e memória. Por essa razão, também destina esforços na busca de contar e gerar materiais que registrem histórias muitas vezes apagadas ou silenciadas. A história que não foi contada e as vozes que não foram ouvidas.

Nesse sentido, o MHOA se dedica à investigação e à produção de materiais midiáticos de registro que possibilitem a preservação dessas narrativas.

ÁWÁ - de África a Mocamboiro

O documentário ÁWÁ¹ (que significa “Nós somos” na língua iorubá) debruça-se sobre a história de Mocamboiro (distrito da cidade de Matozinhos, Minas Gerais) e o número considerável de negros escravizados advindos de várias nações africanas e que trazem em sua história a vivência de um povo ligado à religiosidade, além da cultura marcante de seus antepassados.

Mocamboiro era o abrigo dos que fugiam do Vínculo da Jaguara, um grande empório rural situado às margens do Rio das Velhas. Chegou a possuir mais de mil cativos.

VOZES - Preservação do patrimônio imaterial de Matozinhos

O projeto consiste na coleta e no registro de entrevistas espontâneas com anciães e demais munícipes detentores de memórias e saberes sobre assuntos relacionados a importantes



aspectos do passado imaterial de Matozinhos. O VOZES almeja como resultado a identificação singular do município, a fim de arquivar o material obtido para uso futuro em ações patrimoniais locais relativas à preservação e ao resgate imaterial da cidade. São histórias, casos e contos que serão eternizados pelas vozes daqueles que presenciaram fatos importantes e vivenciaram cotidianos identitários, elementos que fortalecerão ainda mais a base para a preservação das memórias do município.

Exposições temporárias

Matozinhos 200 anos – Faces e história de um povo

A exposição “Matozinhos 200 anos – Faces e história de um povo” advém de um banco de imagens colaborativo e espontâneo criado por cidadãos através de um grupo nas redes sociais com o nome “Amamos Matozinhos”. A expografia é composta por fotografias que ilustram o desenvolvimento de Matozinhos desde sua fundação, em 1823, até os dias de hoje. O MHOA é o responsável pela curadoria e construção expográfica, em parceria com estudiosos da história local, e a exposição faz parte da celebração dos 200 anos da cidade.

Tambores – Nossos ecos vêm de longe

Como parte das ações da 8ª Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais, realizada em outubro de 2021, o MHOA promoveu uma exposição especial com o tema “Tambores – Nossos ecos vêm de longe”², que contou com a participação



de dois grupos de cultura popular de Matozinhos: o Grupo de Candombe Filhos de Nossa Senhora do Rosário de Mocamboiro (que, naquele ano, comemorava 104 anos de evolução) e a Guarda do Congo de Nossa Senhora do Rosário de Matozinhos (que celebrava 90 anos).

Durante o período, foram explorados aspectos históricos desses grupos através da exposição de tambores e outros objetos simbólicos, alguns deles tombados pelo patrimônio histórico, e que revelam um pouco mais das tradições, histórias e trajetórias dos grupos.

Itinerância

O MHOA também funciona em caráter itinerante, colocando à disposição das prefeituras e secretarias de educação ações pedagógicas extracurriculares. A itinerância, modalidade inaugural das atividades do Museu, é usada de forma estratégica para ampliar o acesso à educação patrimonial e à cultura. A modalidade conta com exposições temáticas a partir do acervo do Museu e palestras estruturadas em torno do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas.



LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira.



Fortalecimento da cultura local e formação de rede

O MHOA acredita na potência do fazer colaborativo e da atuação de rede. Dessa forma, visando ao fortalecimento da cultura local, oferece apoio logístico e fornecimento de espaço físico para eventos, reuniões, oficinas e outras atividades de grupos, coletivos e associações culturais. Alguns dos nossos parceiros são:

Instituto de Promoção à Arte e à Cultura Afro-Brasileira em Matozinhos (IPACAFRO), Quintal das Marias, Sarau das Estações, Comunidade tradicional religiosa Ilé ase Alakétú Sàngó aira Igbonã, Grupo ABC Capoeira, Grupo Candombe Filhos de Nossa Senhora do Rosário de Mocambeiro, Guarda do Congo de Nossa Senhora do Rosário de Matozinhos, Secretaria de Educação e Subsecretaria de Cultura e Turismo de Matozinhos.

Outros parceiros

Instituto Estadual de Florestas (IEF), Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG), Sistema Estadual de Museus de Minas Gerais (SEMMG), Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Cedefes), Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (Secult), Agência de Iniciativas Cidadãs (AIC), Associação Circuito Turístico das Grutas – IGR Grutas, Serpaf



MG, Observatório do Ensino de História e Geografia, Sistema Brasileiro de Museus (SBM), Lhoist, Prefeitura Municipal de Matozinhos, Instituto Núcleo de Artes, Cimento Nacional, BR Metals Matozinhos, Cooperativa Sicredi, Prefeitura de Capim Branco, Associação Industrial de Matozinhos (ASIM).

Reconhecimentos


2019 – Assume cadeira no Conselho Municipal de Patrimônio Histórico de Matozinhos (MG).

2019 – Assume cadeira no Conselho Municipal de Políticas Culturais de Matozinhos (MG).

2021 – Recebe moção de aplausos na Câmara Municipal de Matozinhos (MG).

2023 – Recebe moção de congratulação pelas ações de fomento à cultura e à preservação patrimonial em Matozinhos (MG).

2023 – Assume cadeira no Conselho Municipal de Turismo de Matozinhos.

 “O museu é uma referência do saber sobre a cultura negra e apresenta excelente acervo material disposto no ambiente. Referente ao acervo imaterial, ele é muito bem trabalhado por Walice e equipe. É um local acolhedor que instiga ao conhecimento, haja vista que a cidade é rica no patrimônio material e imaterial. Musealizar os artefatos encontrados na região de Matozinhos possibilita a preservação da memória e da história, além de favorecer o desenvolvimento sociocultural da cidade.” Cristianele Costa, professora de História, Arte e Geografia (Escola Municipal Dona Elza Alves de Oliveira)

Sobre o idealizador

Walice Carvalho é o idealizador do Museu Histórico Ojú Aiyê, que surgiu a partir do acervo deixado por seu pai, Benedito Martins, falecido em 2006, ambos descendentes de negros africanos escravizados originários da Nigéria. Por perceber o privilégio que representa ser um homem preto no Brasil e saber suas origens, Walice focou sua jornada para atuar ativamente em movimentos ligados ao tema afro e à diversidade.



1- Acesse o documentário na íntegra através do QR Code. Documentário produzido com recursos da Lei Aldir Blanc, com o apoio da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo, da Secretaria Especial de Cultura e do Ministério do Turismo e realizado em parceria com Octopus Filmes, Serpaf e Ponto de Cultura Yporanga.



2- Veja o vídeo-registro dessa ação por meio do QR Code. Ação realizada no contexto da 8ª Jornada do Patrimônio Cultural (Out/2021) em parceria com a Subsecretaria Municipal de Cultura e Turismo de Matozinhos e os grupos: Grupo de Candombe Filhos de Nossa Senhora do Rosário de Mocambeiro e Guarda do Congo de Nossa Senhora do Rosário de Matozinhos.

Ficha técnica

Conteúdo

Ana Soares, Laiene Souza, Walice Carvalho

Introdução

Evandro Passos

Fotos

Ana Soares

Projeto gráfico e diagramação

Julia Bernardes

Revisão

Úrsula Massula

Equipe Museu Histórico Ojú Aiyê

Walice Carvalho, Fred Mattos, Rosilene Silveira



Contatos institucionais

Telefone: (31) 98697-4287

E-mail: museujojuaye@gmail.com

Instagram: [@ojuaiye_museu](https://www.instagram.com/ojuaiye_museu)

Facebook: [historiaeancestralidade](https://www.facebook.com/historiaeancestralidade)

Endereço: Rua Waldemar Pezzine, 181, Centro, Matozinhos (MG)

A criação e impressão desta peça fazem parte do projeto "Mobiliza Cultura 2022: fazeres colaborativos em arte e mobilização cultural".

Produzido em dezembro de 2023.



LEI ESTADUAL
DE INCENTIVO
À CULTURA

CA: 2018.13609.0163

Patrocínio :



CIMENTO
NACIONAL

Realização :



A LIBERDADE
MORA EM
Minas

#VEMPRAMINAS

CULTURA E
TURISMO



MINAS
GERAIS

GOVERNO
DIFERENTE
ESTADO
EFICIENTE.

